

# MAYA BANKS

Autora bestseller do *New York Times*  
e do *USA Today*



Uma princesa  
em busca de justiça,  
que tudo fará para  
reclamar o trono a  
que foi destinada.



## MAJESTADE, MEU AMOR

TOP  
SEL  
LER

# *Dedicatória*



Para Sassy. Temos saudades tuas. Espero que estejas a fazer-lhes a vida negra e a fumar um cigarro.

Para Amy e Karin, por passarem tanto tempo comigo. Estive algum tempo com esta história e vocês nunca me deixaram perder a fé nela.

Para T. J., por ler a história e pela franqueza na sua opinião. Por acreditar sempre em mim e na minha escrita. É bom chegar finalmente aqui.

Para Jess, só porque te quero tanto.

# Prólogo



*Harwich, Inglaterra*

*Janeiro de 1815*

**E**ra uma maneira desgraçada de morrer. Simon Rothmore, Conde de Merrick, aconchegou-se no pesado sobretudo para se proteger do frio penetrante que acompanhava a chuva miudinha. Olhou de relance para o cadáver encharcado que jazia envolto em lama e gelo.

O Príncipe Davide Chastaine, primogénito do Rei de Leaudor, acabara de se apeiar do seu navio quando encontrou a morte. Os facínoras estavam à espera dele.

Simon debruçou-se para ver mais de perto. Ao que parecia, o príncipe estava morto há várias horas. Tivera uma morte rápida e misericordiosa, se é que se podia dizer isso. Um corte aberto no pescoço dava a entender que fora usada uma faca de grandes dimensões, e havia bastante sangue coagulado no topo do crânio, claramente provocado por uma pancada fatal.

Pôs-se de pé, recuou e virou-se para o colega, Adam Kirkland.

— Chegámos tarde demais. — Era uma afirmação vã, mas que exprimia o sentimento de frustração pelo seu fracasso. Simon e Kirk tinham supervisionado os esforços para localizar e proteger os dois últimos membros da família real de Leaudor após o assassinio dos outros. Agora, restava apenas um.

Kirk anuiu, vendo formar-se uma nuvem de vapor ao respirar.

— Porque é que príncipe viria para aqui? Não faz sentido, a menos... — Sem concluir a frase, fitou Simon intensamente.

— A menos que a princesa esteja aqui — concluiu Simon.

— Todas as informações apontavam para que ela estivesse na América.

Simon inspirou o ar gelado e virou costas à visão macabra do cadáver do príncipe. Começara a chover com mais intensidade, pelo que fez sinal aos dois homens que esperavam a sua ordem para tratarem do corpo. Assegurar-se-ia de que seria levado para Leaudor para um funeral adequado.

Enquanto os dois homens estugavam o passo debaixo do aguaceiro, Simon refletiu sobre este último desenvolvimento. Sentaram-se os dois na sua carruagem para, uma vez abrigados contra o frio, iniciarem a viagem de regresso até Londres. Virou-se para perscrutar a expressão meditativa de Kirk, com a certeza de que a sua era exatamente igual.

— E se ela estiver aqui? E se ela só quis dar a entender que fugiu para a América? Por que outro motivo sairia o príncipe do esconderijo e se meteria num navio para Inglaterra?

— Não sei, mas isso coloca-nos certamente perante um dilema. É bem possível que os agentes enviados para a América estejam à procura no sítio errado.

Simon recostou-se e começou a sentir uma dor de cabeça.

— Se as minhas suspeitas se confirmarem, temos de a encontrar antes dos outros. O regente quer muito saber os motivos por detrás da chacina, e se terão implicações para Inglaterra. — Esfregou as têmporas para tentar amenizar a tensão. — Maldição. A visão destas mortes nunca se torna mais fácil. Pensei que, estando Napoleão preso em segurança em Elba, fosse de esperar tempos mais tranquilos.

— Talvez devas pensar na aposentação e em assumir o título de conde — sugeriu Kirk, calmamente. — Parece que andamos nesta vida há uma eternidade. Ninguém te pode censurar por cuidados da continuidade da tua linhagem.

Simon fez um esgar de desagrado. Assumir uma vida que nunca tencionara levar não o atraía atualmente mais do que logo após a morte do irmão.

Proseguiu como se Kirk não tivesse aludido à sua responsabilidade como Conde de Merrick.

— O nosso tratado com a França é demasiado importante para permitir que qualquer perturbação o ameace. Seria uma insensatez ignorar os acontecimentos de Leaudor olhando à sua forte ligação com os franceses.

— Mas se apenas resta um membro da família real, quais as probabilidades de a encontrarmos antes de seja lá quem for que a quer ver morta? — indagou Kirk, agitado, passando a mão pelo cabelo.

Simon olhou de relance para o colega, que era como um irmão para si. Com certeza mais como um irmão do que aquele que fora do seu próprio sangue. Kirk parecia tão exausto como Simon se sentia. Os dois tinham passado longas horas — dias — à procura do príncipe e da princesa de Leaudor.

— Não há garantias, mas temos de agir com diligência. A princesa poderá ter nas mãos muito mais do que o destino de Leaudor.

Kirk assentiu com a cabeça e depois agarrou-se ao assento enquanto passavam por um trecho da estrada especialmente irregular.

Simon recostou-se e aludiu ao assunto que mais o incomodava.

— Não me agrada que o príncipe tenha sido assassinado em solo inglês. É bem possível que Leaudor culpe Inglaterra, e a França pode aproveitar a oportunidade para tentar atrair Leaudor para a sua fação. Ainda que de pequena dimensão, Leaudor possui um exército poderoso e bem treinado. Embora por si só não represente uma ameaça para a Inglaterra, com a ajuda de um país como a França, tornar-se-á um poderoso inimigo.

— Quer dizer que pensas que a França poderá estar por detrás disto tudo? — disse Kirk, sinistramente. — É uma estratégia brilhante, com as conversações para um tratado entre a França

e a Inglaterra a decorrerem no Congresso de Viena. Ninguém suspeitaria que fossem capazes de sabotar a sua própria aliança.

— Não sei bem o que pensar — refletiu Simon. — Sei que o Rei Fernando estava determinado em manter a neutralidade de Leaudor em qualquer conflito entre a França e a Inglaterra. Embora grande parte da sua herança seja francesa, têm fortes ligações comerciais com a Inglaterra. Com Fernando removido do poder e a sua família aniquilada, o próximo governante pode estar mais propenso a aceitar uma aliança com a França.

— Mais um motivo para encontrarmos a princesa o quanto antes — resmoneou Kirk.

— Nem mais. Seria no nosso melhor interesse encontrá-la e restaurar o trono dos Chastaines. Custe o que custar.

# Capítulo 1



*Londres, Inglaterra*  
*Fevereiro de 1815*

**E**ra um bom dia para morrer. Mas talvez ela já estivesse morta e o seu corpo simplesmente se recusasse a aceitar o que o seu coração sabia.

A Princesa Isabella Genevieve Elizabeth Chastaine atravessou a ponte de Westminster a pé, agonizando a cada passo que dava. Era suposto encontrar-se aqui com Davide quando este chegasse a Inglaterra. Fora o único ponto de referência de que se lembraram no breve período de tempo que tiveram antes de se separarem em Leaudor.

Um vento frio soprou sobre ela, causando-lhe um arrepio na espinha. Gostaria de ter luvas e um casaco, qualquer coisa que a aquecesse. Ao fugir para Inglaterra levara apenas a roupa que tinha no corpo, e o vestuário era demasiado requintado para passar despercebida. Trocara-o por alimento, um vestido e um conjunto de roupa de rapaz. Porém, o escasso suprimento de comida esgotara-se, e também o seu tempo.

O estrépito dos coches a atravessar a ponte de um lado para o outro mantinha uma cadência constante. Olhava-os sem os ver. Ao longe, o fumo de inúmeras fábricas erguia-se em volutas. Como

ela odiava aquele lugar. A cidade apinhada de gente, o cheiro repugnante, o pesado manto de obscuridade que parecia cobrir os telhados. Apesar de tudo, naquele dia, notava-se uma interrupção temporária de tais condições.

Abismada, olhou para cima. Por uma vez, o céu de Londres não estava ensombrado por nuvens. O azul brilhante fazia lembrar um tempo mais primaveril, obrigando-a a semicerrar os olhos por causa da intensidade da luz. Era assombroso o contraste entre aquele dia, tão belo e tranquilo, e o seu mundo, à beira do abismo. Com certeza que a habitual tela pardacenta se coadunaria mais.

Tinha tantas saudades da beleza natural da sua pátria. O ondulado das verdejantes colinas descendo suavemente até ao sopé da cordilheira que ocupava toda a frente norte de Leaudor. Para ocidente, as Falésias de Mármore erguiam-se como um majestoso monumento ao poderio do seu país. Se ao menos ela fosse assim tão forte.

Arrastando os pés, dirigiu-se até meio da ponte. O desconforto provocado pelo frio não se comparava com a dor penetrante que lhe deitava as garras à goela e que lhe dava vontade de gritar. Porém, olhou estoicamente para a outra margem do Tamisa e conjurou as suas últimas forças para reprimir o grito que teimava em soltar-se da sua garganta. Seria tão fácil aproximar-se da beira da ponte e, de forma indolor, mergulhar nas águas do rio. Sentiria sequer a mão da morte a envolvê-la?

Abanou a cabeça, reprendendo-se por tal pensamento. Não era a hora de se afundar em autocomiseração. O seu povo precisava dela. Tinha um dever a cumprir, um legado a proteger e, mais importante, uma vingança a preparar.

Uma lágrima quente escorreu pela sua face. Davide. O bom e gentil Davide estava morto. A única pessoa que lhe restava no mundo desaparecera. Quando lera a notícia num jornal londrino não quisera acreditar.

Agarrou-se com força ao parapeito, e a aspereza da pedra gelada arranhou-lhe a mão despida. O seu vestido fino de pouco



servia para a proteger do frio glacial, mas ela pouco mais sentia além da mágoa que lhe toldava a mente e a alma.

Perdera tudo o que era importante e nunca se sentira tão só como naquele momento. Uma nova vaga de desespero açoitou-a com tanta força que perdeu as forças nas pernas e encostou-se à ponte para se apoiar. As suas lágrimas salpicaram a pedra e ela viu-as a desaparecer ao misturarem-se com as águas escuras do Tamisa.

Pelo canto do olho, viu dois homens aproximarem-se. Devagar, inclinou-se para a frente e depois virou um pouco a cabeça para observar o que chamara a sua atenção. Eles fitaram-na e a sua aparência severa causou-lhe medo. Pestanejou depressa para afastar as lágrimas. A visão tornou-se mais distinta. Não acreditava em coincidências e não era a primeira vez que via aqueles dois.

Os homens avançaram premeditadamente para ela sem tentarem disfarçar. Há poucos meses, tal comportamento não levantaria suspeitas, mas a tentativa de homicídio deixava-a desconfiada. De tudo e de todos. A raiva não tardou a sobrepor-se à mágoa que a angustiava, mesmo quando o medo lhe espicaçava a consciência.

Não eram demasiado grandes e ela tinha a certeza de que conseguiria escapar-lhes, mas não gostava de estar em desvantagem numérica. Além disso, nos últimos tempos, as probabilidades tinham estado sempre contra ela.

Sopesou rapidamente as alternativas. Podia esperar e enfrentar os dois homens. Podia fugir, embora talvez não chegasse longe com as roupas que trazia vestidas.

Ou podia atirar-se da ponte e arriscar nas águas do Tamisa.

Franziu o nariz, repugnada. Na sua opinião, nenhuma das opções era aprazível. Agarrou-se ao parapeito outra vez. Só lhe restava rezar para que os ensinamentos do Padre Ling nas artes do combate não a deixassem ficar mal agora.

Uma mão quente pousou sobre a sua.

— No seu lugar, não faria isso. As águas são bastante frias nesta época do ano.

Ela rodou sobre os calcanhares, preparada para dar luta. Como é que este homem se aproximara tanto sem ela dar por ele?

— O que é que o senhor quer dizer? — indagou, tentando impor um tom de indignação legítima para o dissuadir. Temeu, porém, que a voz lhe saísse mais como um grasnar aterrorizado.

— Desculpe se a assustei, minha senhora. Só quis impedir um incidente muito desagradável.

Isabella estreitou os olhos ao avaliar rapidamente esta nova situação inquietante.

— E que incidente seria esse? — Olhou pelo canto do olho para ver onde estavam os dois arruaceiros e ficou feliz ao constatar que, por ora, não se tinham aproximado mais.

Voltando as atenções para o homem que a interpelara, mordeu o lábio de baixo enquanto tentava perceber se ele representava uma ameaça.

— Perdoe-me o atrevimento, mas pareceu-me que a senhora poderia estar a pensar em saltar da ponte. — A sua voz cava ribombou por ela e denotou uma certa nota de preocupação.

Isabella relaxou um pouco e fitou-o sombriamente.

— Agradeço a sua cortesia, cavalheiro, mas não tinha tal intenção. — Sentiu uma pontada de culpa ao recordar que precisamente isso lhe passara pela cabeça.

— Como se chama? — perguntou o homem, deixando transparecer no olhar carregado um interesse um pouco excessivo.

Ela sentiu nova vaga de tensão ao reparar que ele estava a olhar de relance para os homens que guardavam alguma distância. A desconfiança apurou-lhe os sentidos e sondou o desconhecido com atenção. Estava bem vestido demais para estar com aqueles homens. O seu sobretudo abriu-se e deixou antever o corte caro do colete. Umhas calças macias envolviam umas coxas musculosas e umas botas de cano alto engraxadas reluziram sob a luz forte do sol. O seu sotaque britânico vincado transparecia notas mais aristocráticas, certamente de uma classe mais alta do que os rufias que a observam de longe. Todavia, o seu instinto

dizia-lhe que ele era de igual modo perigoso, mesmo enquanto lhe sorria de forma simpática.

— Chamo-me B... Beth — respondeu ela, odiando-se por balbuciar a mentira.

O homem semicerrou os olhos e passou por detrás da orelha esquerda uma madeixa de cabelo castanho-escuro, num gesto de impaciência, como se não acreditasse nela.

Fitou-a com atenção.

— Pois bem, Beth. Deixar uma dama em apuros é algo que a minha consciência simplesmente não me permite. Perdoe a minha ousadia, mas parece-me que está a precisar de uma boa refeição e de uma lareira quente. A minha casa não fica longe daqui. Tratarei de que obtenha essas duas coisas.

O medo depressa se sobrepôs a qualquer curiosidade que tenha sentido em relação ao homem que aparecera do nada. Engoliu em seco por causa do pânico que lhe apertava a garganta.

— Não é necessário.

— Eu insisto — disse ele, delicadamente, embora a sua expressão facial lhe dissesse que era mais uma ordem do que uma cortesia. Ela não podia fazer uma cena, não podia atrair as atenções sobre si. Trémula, inspirou fundo. — Ou prefere esperar para ver o que aqueles dois homens que se dirigem para aqui lhe reservam?

Foi acometida de uma fúria ardente e cortante. Não, este não era um transeunte comum. Mas o que é que ele saberia? E tencionaria fazer-lhe mal?

— Como é que eu sei que o senhor não está com eles? — retorquiu, numa tentativa de ganhar tempo até o seu cérebro confuso conseguir traçar um plano de ação.

Comparou o desconhecido à frente dela com os dois homens que se mantinham a certa distância, observando-a com atenção. Ele era mais alto e mais musculoso do que os dois homens, mas era apenas um. E um era sempre melhor do que dois. Mesmo que conseguisse livrar-se dele, ainda teria de se desenvencilhar dos outros dois rufias.

O homem ignorou a pergunta e, para seu espanto, pegou-lhe pelo braço e afastou-a das personagens de aspeto ameaçador.

Ela empertigou-se, preparada para se libertar dele, mas pensou melhor quando viu os dois homens à sua direita a avançar. Mantendo a determinação, fez um esforço para relaxar e deixou-se conduzir pelo homem.

Se ele pensava que ela era uma mulher pateticamente vulnerável a precisar urgentemente de ajuda, estava enganado. Muito enganado. Porém, ela representaria esse papel, se isso fosse em seu proveito. Depois, atacaria quando ele menos o esperasse.

Escapara de situações muito mais complicadas e sobrevivera ao impossível, pelo que não era agora que ia fracassar.

O coração de Simon batia atroadoramente ao conduzir a princesa para a rua. Levantou uma mão para fazer paragem a um carro de aluguer que ia a passar e esperou que este encostasse à berma.

A sorte estivera do lado dele. Uma dica de um informador levava-o a uma casa arrendada num bairro miserável e superlotado. Quando lá chegara, a princesa estava a sair do edifício a pé.

Seguira-a o dia inteiro, curioso em saber se ela iria encontrar-se com alguém e esperara pelo momento certo para a abordar. Aparentemente ele não era o único a interessar-se por ela, a julgar pelos outros dois homens que a seguiam, e então apressara-se a agir para garantir a sua segurança.

Olhou para ela de relance e reparou na rigidez do seu semblante. O pulso dela pareceu-lhe fino na sua mão e teve o cuidado de não fazer força demais. Ela deveria estar enregelada, mas alguma coisa na sua expressão levou-o a não lhe oferecer o seu casaco. Talvez fosse o orgulho rebelde, mesmo com as roupas diáfanas e um inegável desconforto. A julgar pela aparência, há semanas que a princesa não fazia uma refeição decente.

Ajudou-a a subir para o carro e ela sentou-se com delicadeza na beira do assento. Enquanto seguiam viagem, aos saltos e abanões pelas ruas movimentadas de Londres, ele observou-a com atenção.

O olhar de Isabella alternava entre a janela e as próprias mãos. Para todo o lado menos para os olhos dele. Simon conseguiu sentir a tensão a brotar dela em vagas e sentiu uma vontade louca de a reconfortar de alguma maneira. Franziu o cenho e continuou a avaliá-la.

Era bonita. Linda de morrer. Os seus olhos emotivos refletiam o peso de uma vida inteira. Os soldados que regressavam da guerra no continente não ostentavam aquele tormento nos rostos.

Os seus cabelos escuros eram um dramático pano de fundo para uns olhos que faziam lembrar as águas azuis esverdeadas de uma baía tropical. Umhas pestanas compridas e pretas agitavam-se e descansaram encostadas à sua pele quando fechou os olhos por breves instantes. Ele ficou com a distinta impressão de que estava a tentar conter as lágrimas, mas quando voltou a abri-los, fitou-o, sem evidenciar qualquer sinal de angústia.

Ele apressou-se a desviar o olhar, irritado por ela conseguir deixá-lo embaraçado. Os sentimentos que ela desencadeava nele não eram um luxo ao seu alcance. Tinha uma tarefa a cumprir e ninguém, nem sequer uma bela mulher frágil e de olhos tristes, interferiria.

O cocheiro contornou a casa de Simon, seguindo as instruções, enquanto este escrutava as redondezas para se certificar de que não tinham sido seguidos. Depois de uma terceira passagem, o carro parou à porta da sua modesta casa de tijolo. Apeou-se e depois ajudou-a a descer os degraus. Assim que os seus pés tocaram a calçada, ela retraiu-se das mãos dele. Olhou furtivamente em redor, de lábios apertados uma linha implacável.

— Por aqui — disse ele, conduzindo-a pelo caminho que levava até à porta. A postura dela dava a entender que poderia tentar fugir a qualquer momento e ele não tinha muita vontade de perseguir fosse quem fosse com aquele maldito frio.

Quando entraram, Simon conduziu-a até à sala de estar, onde um belo lume ardia na lareira.

— As minhas desculpas por não ter uma criada para a servir — disse ele. — Não tenho criadagem completa. Porém, estou certo de que a minha governanta suprirá todos os seus desejos.

A princesa fez ouvidos moucos a tal alegação enquanto se aquecia junto da lareira. Estendeu as mãos esguias para o lume e não desviou os olhos das chamas adejantes.

— Prefere tomar uma refeição aqui à beira da lareira ou passar para a sala de jantar?

Ela virou-se e fez uma pausa antes de responder.

— Não é necessário servir-me uma refeição. O senhor já foi de uma imensa amabilidade. Tenho mesmo de ir embora.

Foi o seu discurso mais longo até então e ele absorveu a cadência do seu timbre. Embora parecesse estar a tentar um sotaque inglês, a toada monótona de Leaudor, quase a fazer lembrar a pronúncia irlandesa, era inequívoca na sua dicção. Talvez fosse por isso que falava tão pouco.

— Não aceito que deixe a minha casa antes de fazer uma refeição como deve ser.

Alguma coisa indecifrável perpassou-lhe pelos olhos. Seria raiva? Ela apressou-se a controlar a reação e adotou a expressão terna a que ele começava a habituar-se. Ela evidenciava um extraordinário controlo sobre as emoções.

— Muito bem, gostaria de comer aqui.

Simon assentiu com a cabeça e depois tocou a campainha a chamar o único outro criado que tinha, Timmons, seu mordomo há nove anos.

— Coloca a mesinha do meu escritório à frente da lareira para podermos lá jantar — ordenou ao homem corpulento. Depois, num tom de voz mais sumido, para a princesa não ouvir, mandou Timmons preparar o quarto de hóspedes.

— É para já, Vossa Senhoria.

Ao ouvir estas palavras de Timmons, a princesa virou-se de repente e fitou-o, atónita.

— Quem é o senhor? — exigiu saber.

— Simon Rothmore, Conde de Merrick, ao seu serviço — respondeu, com uma larga vénia. — As minhas desculpas por não me apresentar antes.

Ela não pareceu minimamente agradada pela revelação. Aperitou os lábios e virou-se outra vez para o lume.

Pouco depois, Timmons pôs a mesa e puxou duas cadeiras para eles se sentarem. De seguida chamou a Sra. Turnbull, que apareceu com tabuleiros de sopa a fumegar, pão quente e um prato de carne.

Simon puxou uma cadeira, com um gesto pediu à princesa que se sentasse e a seguir contornou a mesa para se sentar defronte dela. Esperava que esta posição lhe proporcionasse a oportunidade de a sondar com mais atenção. Este jogo que estavam a fazer estava a deixar-lhe a paciência em frangalhos. Era evidente que ela tencionava ignorar o facto de ele saber que ela estivera em perigo e fazer de conta que ele estava apenas a ser caridoso com uma mulher a precisar de uma refeição quente. Não que ela não beneficiasse de uma.

Ela sentou-se com uma elegância que não se coadunava com a sua aparência andrajosa. Tinha as mãos trémulas quando levou a colher à boca, para provar a sopa. Ele franziu o cenho ao pensar quando teria sido a última boa refeição dela. Podia muito bem ter sido antes de os seus pais serem assassinados.

Observou-a a comer em silêncio. Ela estava calada. Calada demais. Parecia que ela não dizia qualquer coisa que não fosse cuidadosamente ponderada. Se queria conquistar a confiança dela, teria de a fazer falar.

— Diga-me... Beth, de onde é? O seu sotaque deixa-me intrigado.

Ela deixou a colher cair com um tinido em cima da mesa e, consternada, levantou a cabeça.

— Isso é importante?

— Não, não. Claro que não. Só estou curioso. — A sua tentativa de engodo só a deixara mais agitada. Ela não lhe daria qualquer informação de livre e espontânea vontade.

Apoiou a palma da mão na mesa e levantou-se do lugar.

— Tenho mesmo de ir embora. Já abusei da sua generosidade.

— Que disparate. — Simon levantou-se e, com delicadeza, segurou-a pelo cotovelo, conduzindo-a para a porta antes de ela poder protestar mais. — Parece precisada de algum repouso. Insisto que se recolha de imediato a um quarto que mandei preparar para si. O lume já está aceso, pelo que deverá ficar confortável. Conversaremos melhor depois de descansar.

Ela empertigou-se outra vez e Simon percebeu que as engrenagens estavam em funcionamento no seu cérebro. Fez uma expressão glacial e limitou-se a concordar com a cabeça. De facto, ele nunca conhecera ninguém que falasse tão pouco como ela.

Conduziu-a até ao quarto no extremo oposto do corredor do dele. Explicou-lhe resumidamente onde poderia encontrar as coisas de que precisava e saiu do quarto às arrecuas. Tirou uma chave do bolso e trancou a porta por fora sem fazer barulho, fazendo figas para ela não ouvir o pequeno estalido. Ficaria furiosa se tentasse abrir a porta, mas ele não a podia perder agora.

Desceu as escadas a passos largos com a finalidade de mandar informar Kirk.

— Timmons, preciso que envie uma mensagem de imediato — disse, caminhando para o seu escritório.

Sentou-se, redigiu uma mensagem à pressa, pôs-lhe o seu selo pessoal e atirou-a para o mordomo que estava à espera. Recostou-se na cadeira e apoiou as mãos atrás da cabeça.

Sentira um imenso alívio ao encontrar a princesa, mas ela ainda não estava livre de perigo. Estremeceu ao pensar no que lhe teria acontecido hoje caso ele não intervisse na ponte. Os dois homens que estavam a segui-la não pareciam ser do género delicado.

À mente vieram-lhe as imagens do irmão mais novo dela enquanto a imaginava de costas na neve, com os cabelos salpicados de sangue e os olhos fixos, sem vida.

No que dependesse dele, isso não aconteceria. Muita coisa dependia da sobrevivência dela. O destino do seu próprio país poderia muito bem depender da restauração da monarquia de Leaudor.



Levantou-se da cadeira e foi até à janela. Olhou para a rua e recordou a conversa que tivera com Kirk no dia em que encontraram o cadáver do príncipe. E se Kirk tivesse razão? Será que ele devia abandonar os Serviços Secretos de Sua Majestade?

Dedicara toda a sua vida de adulto a proteger os interesses de Inglaterra. Desistir agora para ocupar a sua posição de conde deixava um travo amargo na sua boca. Era o que o seu pai teria desejado.

Fez um esgar ao lembrar-se do pai. Nem agora nem nunca permitiria que o pai ditasse o rumo da sua vida. Já passara a idade de querer agradar a Sua Senhoria. Não que isso tivesse alguma vez tido qualquer vantagem.

Mas tal como o seu dever para com Inglaterra estava na primeira linha do seu pensamento, o dever para com o seu título assomava como prenúncio de perdição. Um dever que ele nunca quisera ou esperara.

— Maldito sejas, Edward — murmurou. — Como foste capaz?

Um movimento na rua chamou a sua atenção e lobrigou Kirk a appear-se de uma carruagem e a encaminhar-se a passos largos para a sua porta.

Alguns minutos depois, Kirk entrava no estúdio de Simon, com uma expressão expectante.

— Onde é que ela está?

Simon encostou um dedo aos lábios.

— Está no quarto de hóspedes. Não quero incomodá-la.

— Como a encontraste? Pensei que tínhamos procurado em toda a parte.

— Recebi uma dica de um dos meus informadores hoje de manhã. Ela tem estado hospedada num quarto arrendado numa zona decididamente perigosa da cidade. Estou admirado como conseguiu sobreviver tanto tempo.

Kirk anuiu.

— E agora? Levá-la-ás ao palácio para ver o regente? É provável que ele ofereça a sua proteção e uma viagem de regresso em segurança até Leaudor com um contingente de soldados ingleses. Estará ansioso por repor a estabilidade no trono de Leaudor.

— Creio que o teu raciocínio é correto. Gostaria de ir ao palácio e tratar do encontro com o regente. Assim, ganharei algum tempo para tentar obter o máximo de informações da princesa, mas o principal é que ela estará em segurança no palácio.

— E não será da tua responsabilidade — disse Kirk com um sorriso. — Depois talvez possas gozar umas merecidas férias. Recolher àquela tua herdade durante algum tempo e caçar um pouco.

Esteve quase para negar que possuía uma herdade. É difícil esquecer velhos hábitos. Não estava habituado a ser proprietário do que quer que fosse. A sua vida de agente secreto não se coadunava com a posse de mais do que aquilo que era estritamente necessário.

Porém, sabia que Kirk estava a referir-se à herdade do seu pai, onde ele crescera, e que abandonara assim que tivera a possibilidade de o fazer, decisão de que nunca se arrependera até o irmão se ter suicidado.

Porém, não o poderia adiar para sempre. Talvez Kirk tivesse razão. Talvez fizesse uma pausa e regressasse ao local a que costumava chamar lar, mas primeiro teria de entregar a princesa no palácio.

— Vai ao palácio — disse a Kirk. — Diz a Sua Majestade que entregarei a princesa quando lhe aprouver.

Kirk saiu pela porta e Simon subiu as escadas devagar. Chegara a hora de pôr tudo em pratos limpos com a princesa.

Fez um compasso de espera à porta, ponderando sobre a melhor abordagem. Ele não era pessoa de rodeios e já não havia motivo para não ir direito ao assunto. O melhor seria deixar tudo em pratos limpos e dizer-lhe que sabia quem ela era e depois ver o que acontecia.

Isto se ela não lhe desse com uma moça na cabeça por a trançar no quarto.

Destrancou a porta e abriu-a. Sentiu uma lufada de ar frio no rosto.

— Mas que raios? — murmurou ao entrar no quarto. Varreu com o olhar o quarto agora deserto até à janela aberta ao lado da cama.

Teria aquela idiota saltado da janela do primeiro andar? Correu até à janela e olhou para baixo, quase que esperando vê-la estendida no chão, mas só viu pequenas pegadas a afastarem-se da janela em direção ao portão que dava para fora do jardim.

Ela tinha desaparecido.

## Capítulo 2



**I**sabella deixou-se cair da janela no chão fofo e encolheu-se ao sentir uma pontada no tornozelo. Recuperando depressa, estugou o passo pelo pequeno jardim e saiu pelo portão que dava para o beco.

Acercou-se da beira da estrada e acenou freneticamente para uma carruagem de aluguer que ia a passar. Teria de gastar os seus últimos trocos na corrida. A refeição que acabara de fazer sustentá-la-ia até pensar numa maneira de arranjar mais dinheiro. Precipitou-se para o interior do carro e disse ao cocheiro para arrancar.

Olhou distraidamente pela janela sem ver os veículos que passavam por ela. Tinha os punhos cerrados ao lado do corpo, as unhas dolorosamente cravadas nas palmas das mãos. O alívio amenizava um pouco a tensão no seu peito, mas sabia que ainda tinha um longo caminho a percorrer.

Quão perto estivera da catástrofe? E quem era aquele homem que se metera no seu caminho com tanta arrogância? Apertou o lábio inferior entre os dentes e, consternada, mordeu-o. Aquele inglês poderia ter ligações próximas com a coroa britânica, e se assim fosse... Perdeu o fio à meada, sentia

a raiva fazê-la apertar os dentes com mais força sobre o lábio. O sabor cáustico e metálico do sangue espalhou-se pela sua língua e relaxou o maxilar.

Por que outro motivo um conde ofereceria ajuda a uma mulher humilde? Saberia quem ela era? A ideia provocou-lhe nova onda de pavor.

Havia muita coisa relacionada com aquele conde que simplesmente não batia certo. Porque é que não morava numa zona mais chique? Isabella não conhecia Londres muito bem, mas até ela sabia que a maioria da nobreza vivia em Mayfair ou St. James. E porque é que não tinha a criada completa? Isso dava a entender que ele não passava muito tempo na residência oficial.

Abanou a cabeça, zangada pela rude intromissão do conde naquela que era a sua principal prioridade.

Tinha de regressar a casa. Agora que Davide não iria encontrar-se com ela em Inglaterra, a responsabilidade pelo seu país recaía apenas sobre os seus ombros. Ela era a única herdeira do trono e, caso não conseguisse regressar para assumir a coroa, Jacques teria o caminho livre para a governação do reino.

A sua única esperança era que ele não fosse bem-sucedido na sua demanda, mas o facto é que não podia confiar que ele cumprisse as tradições do seu país, que tinham sido instituídas há séculos. Ele já deixara bem claro que faria o que fosse necessário para atingir o seu objetivo. O que era para ele esquivar-se à viagem sagrada às falésias de mármore quando já fizera bem pior?

Sentiu um nó no estômago enquanto o medo a paralisou por breves instantes. E se *ela* não conseguisse completar a demanda? Fechou os olhos. O fracasso não era opção. Ponderar essa possibilidade era o mesmo que admitir a derrota.

Quando estalou uma unha, descerrou os punhos. Nunca permitiria que um traidor assassino destruísse tudo aquilo pelo que o seu pai lutara.

Quando, por fim, a carruagem se deteve, desceu aos tropeções e desatou a correr para o edifício onde arrendara um quarto.

Observou rapidamente as suas poucas posses e reuniu apenas as coisas que poderia transportar com facilidade.

Sem se preocupar com o tecido, rasgou as roupas que trazia vestidas, tirou de debaixo da cama umas calças que ali escondera e enfiou-as pelas pernas. Eram parecidas com as que Davide usava no último dia em que o vira. Ficou com os olhos banhados de lágrimas e, zangada, enxugou-as. A mágoa levava-a a vacilar, mas ela não podia ceder à dor esmagadora que se avolumava no seu íntimo. A sua vida dependia das ações que envidasse agora, neste preciso momento.

Depois de vestir as calças, pegou no vestido que despira e rasgou longas tiras de tecido da saia. Enfaixou os seios com as tiras de tecido, deu um nó nas pontas à frente e enfiou-as debaixo da ligadura. Passou a camisa pela cabeça e enfiou as fraldas por dentro das calças.

Debruçou-se por cima da pequena enxerga e remexeu os lençóis à procura do pequeno pergaminho enrolado que tirara da bainha do vestido. Baixou o colarinho da camisa e escondeu o mapa debaixo da atadura que lhe cingia os seios. Pegou no anel com a insígnia real e a sua mão fechou com reverência sobre o objeto da sua herança. Guardou-o numa pequena bolsa, apertou os cordões com força e guardou-a dentro do cós da roupa interior.

Era tudo o que lhe restava de valioso. Gastara a maior parte do dinheiro a obter informações sobre Davide. Depois, numa das partidas de mau gosto que a vida prega, lera acerca da sua morte num jornal, em letras pretas sobre um fundo branco, uma notícia aparentemente sem importância, uma notícia de segunda ordem para os ingleses.

Passou os olhos pelo quarto, assegurando-se de que não deixava para trás nada que denunciasse a sua identidade. Ao reparar que tinha as unhas num estado lastimável, levou os dedos à boca e roeu as mais compridas até ficarem com um comprimento mais aceitável. A última medida foi esconder o cabelo num chapéu bastante folgado e sair do quarto com largas passadas.

Com o cuidado de não caminhar demasiado depressa, imitou a forma de andar de um rapazinho a descer a rua. Precisava de encontrar um sítio para pensar. Um sítio onde pudesse traçar um plano para regressar a casa.

O instinto levou-a a caminhar na direção das docas. Demoraria horas para chegar lá a pé, mas se conseguisse esconder-se num barco, como fizera ao partir de Leaudor, poderia ganhar tempo valioso para maquirar um plano.

Por agora, tinha de se afastar o mais possível de Lorde Merrick.

A cada quarteirão por onde passou, manteve-se vigilante para se assegurar de que não estava a ser seguida ou de que não chamava atenções indevidas. Porém, ela não era diferente dos outros cidadãos desesperadamente pobres que estugavam o passo numa tentativa de se manterem quentes.

Soprou para as mãos quase enregeladas e depois esfregou-as nas calças. Sentia os pés dormentes nas botas que lhe ficavam pequenas demais e nas quais enfiara os pés descalços, que tornavam o caminhar uma agonia.

Ao fim de uma hora de caminhada, parou de repente. O pânico quase a levou a cometer um erro de principiante. Virou-se depressa e começou a caminhar na direção oposta. *Pensa Isabella, pensa!* As docas seriam o primeiro lugar onde a iriam procurar. Era provável que houvesse imensas pessoas atentas à sua presença, à espera que subisse para alguma embarcação.

Por muita que fosse a sua determinação em regressar a casa, não podia dar-se ao luxo de se precipitar. E permitira que o conde a deixasse com os nervos em franja.

Seguiu por caminhos secundários. O frio entrava por todos os poros do seu corpo. Tinha de encontrar um sítio onde pudesse estar em segurança durante algum tempo. Um sítio quente.

Meu Deus, porque é que não conseguia raciocinar? O seu senso comum e sentido prático sempre haviam sido os seus pontos fortes, mas agora esfumavam-se enquanto ela tentava traçar um plano para regressar a casa.

Sem conseguir dar mais um passo com os pés gelados, sentou-se no chão numa viela ali perto, rezando para ninguém reparar que ela era uma mulher.

Nem o disfarce de um rapaz jovem lhe valeria naquela zona da cidade, como não tardara a perceber durante a sua passagem por ali. Havia muitos arruaceiros capazes de se divertir tanto com um rapaz como com uma mulher.

Abraçando os joelhos junto ao peito, balançou-se para trás e para a frente, tentando aquecer o corpo. Pousou a cabeça nos joelhos. Estava completamente dominada pela exaustão, que chamava por ela, a embalava, atraindo-a ao seu covil.

*Pensa*, ordenou-se, afastando as garras do desespero. Não podia apanhar um navio. Era demasiado óbvio. Não podia simplesmente entrar pelo palácio e exigir uma audiência com o príncipe. Já fora traída por alguém das fileiras reais, quiçá pelo próprio regente. Não lhe daria uma segunda oportunidade.

Teria de o fazer sozinha. Dover não era uma possibilidade. Chegara a Inglaterra via Dover e os portos estariam a ser vigiados. Além disso, esperariam que ela fosse para norte numa tentativa de encurtar o tempo de viagem até Leaudor.

Sul. Era isso. Dirigir-se-ia para sul, até Brighton. Poderia empenhar o anel e utilizar os fundos para contratar uma embarcação que a levasse a Leaudor. Seria arriscado, mas decerto encontraria um comandante disposto a fazê-lo em troca de uma bela gratificação.

Sentindo-se um pouco melhor com o seu plano de ação, fechou os olhos por instantes. Só precisava de descansar alguns minutos. Depois, pensaria numa maneira de chegar a Brighton. Fechou os olhos e ficou entorpecida pelo frio. Sim, apenas alguns minutos de descanso.

O vento uivou à sua volta, levando-lhe o chapéu da cabeça e soprando-lhe ar frio para o pescoço. Dos lugares recônditos da sua mente, o alarme soou com a ideia de ficar com o cabelo à vista, mas a tentação do sono puxou-a para os seus braços.





Começou a chover e o vento aumentou de intensidade, fazendo o frio penetrante entrar pelo seu casaco como se não o tivesse vestido. Simon abandonou as docas, cada vez mais preocupado ao lembrar-se da pouca proteção que o parco guarda-roupa da princesa lhe proporcionava.

Fora imediatamente ao quarto onde ela estivera alojada, mas não a encontrara lá. Apenas vira o que restava do seu vestido rasgado. Frenético, procurara nas cercanias e depois fora às docas pensando que ela tentaria garantir a travessia para a sua terra natal, mas, ao que parecia, a princesa desaparecida tinha outros planos.

Ao subir para o seu coche, ordenara ao cocheiro para fazer um círculo pela área a baixa velocidade. Deveria começar por cada rua, num raio alargado à volta da casa onde ela ficara alojada. Não poderia ter ido muito longe no tempo desde que fugira da sua casa.

Tinha de se apressar. Em breve começaria a escurecer e tinha poucas hipóteses de a encontrar nos becos sombrios do bairro degradado. Ao romper da aurora ela poderia estar a quilómetros de distância e nunca mais a encontraria. Isto se ela sobrevivesse a uma noite naquele distrito londrino infestado de criminosos.

Enquanto o coche percorria as ruas no seu ritmo lento, ele observava atentamente cada movimento, cada pessoa. Viu coisas que passariam despercebidas à maioria das pessoas, mas também tinha anos de prática. No seu ramo, uma observação atenta poderia fazer a diferença entre a vida e a morte.

Consoante as sombras ficaram maiores, a sua impaciência aumentou. Neste momento, ela deveria estar escondida em segurança no palácio real sob a proteção do regente. Em vez disso, fugira e poderia estar em perigo.

A ideia de lhe poder ter acontecido algo de mal provocou-lhe um nó na barriga e reforçou a sua resolução de a encontrar. Ela ainda não o sabia, mas ele era a sua melhor hipótese de continuar viva.

— Pare! — gritou.

Saltou do coche com este ainda em movimento e correu para a viela a rezar para que fosse realmente verdade aquilo que lhe parecera ver.

Enroscada sobre si mesma, jazia a princesa. Os seus cabelos cor de ébano ondulavam à sua volta. Envergava umas calças e uma camisa de homem, mas o que a denunciou foram os cabelos. A seu lado estava um chapéu esfarrapado, provavelmente aquilo que completava o seu disfarce.

Ajoelhou-se ao lado dela, cada vez mais preocupado ao reparar na sua palidez e ao sentir o frio da sua pele. Abanou-a com delicadeza, mas ela não reagiu. O medo apoderou-se dele. Pegou-lhe ao colo e apressou-se a voltar para o coche, gritando a morada da sua casa.

Durante a viagem, embrulhou-a no seu casaco e esfregou-lhe os braços, tentando desesperadamente aquecê-la. Ela tinha a respiração fraca. O peito mal subia com o esforço. Parecia vulnerável e indefesa nos seus braços.

O seu rosto tinha uma estrutura óssea delicada, os lábios eram carnudos e de um adorável tom rosáceo. As suas pestanas escuras repousavam nas delicadas olheiras que confirmavam a sua fadiga. Era o tipo de mulher que despertava instintivamente nos homens um instinto protetor, sentimento que não se coadunava de todo com ele. No seu cargo, não se podia permitir a essa fraqueza. Quanto mais depressa ela deixasse de estar sob os seus cuidados e fosse entregue em segurança ao regente, melhor.

Pouco depois pararam defronte da casa dele e apressou-se a entrar, levando com ele o corpo franzino da princesa. Deu uma série de ordens a Timmons e à Sra. Turnbull, que se despacharam a cumpri-las.

Passou pelo quarto onde a trancara sem se deter, abriu a porta do seu quarto com o ombro e deitou-a na cama. O lume resplandecia na lareira e o calor entranhou-se nos seus ossos. Só esperava que também não tardasse a aquecê-la.

— Devíamos chamar o médico — disse a Sra. Turnbull ao entrar de rompante no quarto com um tabuleiro com sopa quente e chá.

— Não, não podemos — murmurou Simon. Ela olhou-o, horrorizada. — Não preciso de lhe lembrar que na minha profissão, a discrição é de extrema importância.

— Mas a pequerrucha está praticamente morta de frio!

— A senhora possui bastantes conhecimentos médicos. Confio nas suas capacidades. Tenho a certeza de que terá a Beth de boa saúde antes do romper da aurora.

A mulher mais velha ruborizou um pouco e brindou-o com um sorriso embevecido.

— Sim, bem, claro que o farei. Precisarei de alguma privacidade. Não seria apropriado o senhor ficar.

Fitou-o com uma expressão incisiva e, com um suspiro, Simon pôs-se de pé.

— Estarei lá em baixo no meu escritório. Se precisar de alguma coisa, chame. Se ela recuperar a consciência, informe-me imediatamente. E não a deixe sozinha, em circunstância alguma — preveniu.

No seu estúdio, serviu-se de um brandy e ficou a aquecer-se junto à lareira. A princesa revelara-se uma tarefa bem mais complicada do que estimara. Na realidade, imaginara-a a cair nos seus braços aliviada e a suplicar a sua proteção. Pelo contrário, ela fugira dele.

Uma carranca franziu-lhe os cantos da boca. Poderia ser impossível conquistar a confiança dela e a confiança dela era essencial para levar a sua missão a bom porto. A segurança de Inglaterra era a principal prioridade e, enquanto não descobrisse o que levava ao assassinio da sua família, não poderia negligenciar a sua obrigação.

— Vossa Senhoria, o Sr. Kirkland está aqui para falar consigo — informou Timmons desde a porta.

— Ele que entre.

Simon esfregou a nuca e endireitou-se enquanto esperava por Kirk. Segundos depois, o amigo franqueou a porta com passadas largas, carrancudo.

— Onde estiveste? — quis saber Kirk.

— É uma longa história — murmurou Simon. — Que notícias trazes do palácio?

— Sua Majestade quer que lhe leves a princesa pela manhã. — Simon fez um esgar. Isso queria dizer que ela teria de passar a noite na sua casa e que ele pouco dormiria para se assegurar de que ela não voltava a escapar-lhe.

— Informa Sua Majestade de que lhe levarei pessoalmente Sua Senhoria pela manhã.

Kirk assentiu com a cabeça.

— Eu próprio lhe transmitirei a mensagem.

Rodou sobre os calcanhares e, decidido, saiu da sala, deixando Simon de pé junto à lareira.

Simon virou costas e pousou a bebida na secretária. Quer a Sra. Turnbull permitisse quer não, iria lá acima ver como a princesa estava a passar. Chegara a hora de terem uma conversa franca.

Subiu as escadas até ao seu quarto de dormir e bateu ao de leve na porta.

Sem esperar pela resposta, abriu-a e entrou.

— O senhor não deveria estar aqui — repreendeu-o a Sra. Turnbull desde o seu poleiro na cama ao lado da princesa.

— Como é que ela está? — indagou Simon, fazendo ouvidos moucos às recriminações da mulher.

— Pergunte-lhe o senhor.

Devagar, a princesa virou a cabeça e mirou-o com os seus olhos oceânicos. Ele não conseguiu ler coisa alguma nas suas profundezas, nenhuma pista do que lhe iria na alma. Atravessou o quarto e posicionou-se ao lado da cama.

— Dê-nos alguns minutos a sós, Sra. Turnbull.

A Sra. Turnbull começou a protestar, mas ele calou-a com um olhar severo.

A resmungar entredentes, a mulher saiu do quarto, mas deixou a porta aberta. Simon voltou as atenções para a princesa.

— Como se sente?

— Bem — respondeu, com firmeza.

— Nesse caso, *Vossa Alteza*, acho que temos de ter uma longa conversa.

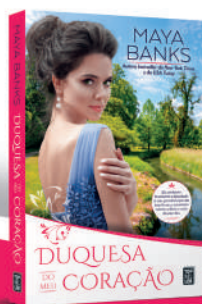
## Inglaterra, 1815.

Simon Rothmore, Conde de Merrick, é um agente secreto ao serviço da coroa britânica e tem uma missão: descobrir quem está por detrás dos misteriosos assassinios dos membros da família real de Leaudor, e proteger a todo o custo a única sobrevivente, a princesa Isabella Chastaine.

Fugida dos assassinos dos seus pais, Isabella viaja clandestinamente para Inglaterra, levando consigo um mapa sagrado que revela onde se encontram enterradas as relíquias ancestrais de que precisa para subir ao trono. Traída por aqueles que lhe eram mais próximos e suspeitando que haja mão inglesa na morte da sua família, Isabella jura regressar a Leaudor e fazer justiça, e não tem intenções de deixar que ninguém interfira — especialmente um arrogante conde inglês que julga poder protegê-la de tudo.




O amor, porém, move-se por caminhos misteriosos, conseguindo unir até as almas mais improváveis. E ao longo da viagem que Simon e Isabella fazem entre os dois países, numa perigosa demanda de contornos místicos, forja-se um novo destino que nenhum dos dois imaginava ser possível.

LEIA  
TAMBÉM:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789896233341



9 789896 233341 >